

## **CÃES DE ALUGUEL** **A Natureza de Cada Um**

A trama de Cães de Aluguel (Reservoir Dogs, EE.UU., 1992), de Quentin Tarantino (1963-), desenrola-se, em boa parte, por meio de retrospectos elucidativos e flagrantes acronológicos seccionados da seqüência normal. Todavia, tudo sem perda do fio narrativo e de seu acompanhamento.

Os instantâneos, os retrospectos, os cortes para introdução de fatos deslocados do entrecho, permitem evidenciar, por força de direção vigorosa, além de rigorosa na seleção dos acontecimentos e perspicaz no seu enfoque, tanto o perfil psicológico das personagens como o significado de seu comportamento e a motivação de suas atitudes.

A dialogação é primorosa. E como a maior parte do filme transita por ela e não por meio da ação, às vezes tem-se a impressão de se estar frente à marcação teatral e não cinematográfica. É o tributo a ser pago pela pujança dialógica, motor das peças teatrais.

Nesse contexto, brilhantemente construído e desenvolvido em torno de fato banal de filme policial, simples assalto, tem-se uma das obras mais esplêndidas do cinema, que o resgata da vulgaridade e do primarismo que caracterizam a maioria das produções do gênero.

O que interessa a Tarantino não são os fatos, o assalto, o furto, as reações que provocam. Mas, seu impacto e efeito nos protagonistas da ação. O que importa não é o que se faz e nem por que se faz, ambos os aspectos já implícitos, mas, as pessoas que fazem, as conseqüências do que é feito e as atitudes de cada um face às suas peculiaridades. Em cima de ato criminoso comum e de assaltantes também comuns, constrói obra essencial, calcada nas verdades da natureza humana.

Juntamente com Amateur (Idem, 1994, de Hal Hartley) e Os Suspeitos (The Usual Suspects, 1995, de Bryan Singer), Cães de Aluguel forma a tríade máxima do filme policial do cinema independente dos Estados Unidos.

(Guido Bilharinho)